



TOMO VI Nº6

Blumenau

em

ca

der

nos

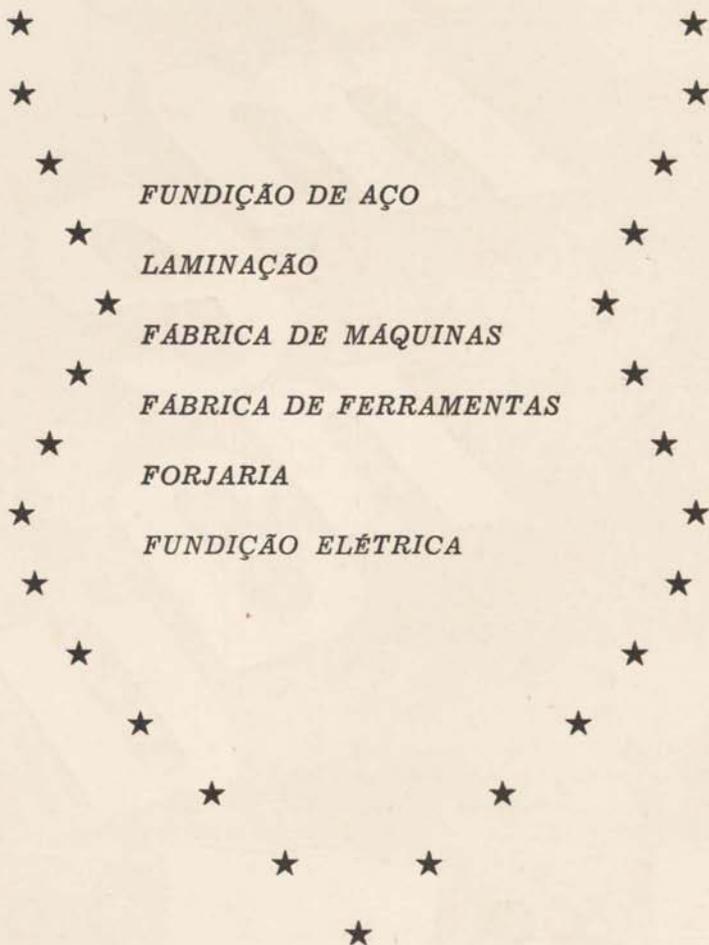
ELETRO-AÇO ALTONA S/A.

Rua Coronel Vidal Ramos, 925 — Fone: 1338

Caixa Postal, 30 Telegramas: ELAÇO

ITOUPAVA-SÊCA — BLUMENAU

SANTA CATARINA



BLUMENAU em CADERNOS

TOMO VI



Nº. 6

PÁGINA DE SAUDADE

DONA ALICE VON MOERS



Com o falecimento, ocorrido a 3 de setembro deste ano, em Florianópolis, da exma. sra. D. Alice von Moers, "Blumenau em Cadernos" perde uma das suas dedicadas e assíduas colaboradoras.

Dispondo, apesar da sua avançada idade, de uma memória prodigiosa, Dona Alice comprazia-se em contar, em artigos singelos, mas interessantes, aos nossos leitores, lembranças da sua juventude em Blumenau. E contava-as com a simplicidade que caracterizou todos os atos da sua vida; com a sinceridade que foi fator predominante em seu proceder.

Dona Alice von Moers era a terceira filha de Paulo Schwartz, dos primeiros advogados de Blumenau e

genro da baronesa Von Knorring, a primeira professora pública de Brusque. Nasceu em Blumenau em 25 de março de 1883. Morre, portanto, aos 80 anos de idade.

Quando tinha três anos de idade, seus pais adquiriram a casa em que residiram muitos anos, à então "Palmenallee", à Rua das Palmeiras, que pertencera a Hermann Wendeburg, o vice-diretor da Colônia e onde, aliás, ainda residem parentes seus. Frequentou a escola de meninas da professora Apolônia Von Buettner, onde, depois foi também professora. Lecionou, posteriormente, ao mesmo tempo que ali igualmente estudava, na Escola Americana, em Curitiba e na Escola

Progresso, em Campinas. Foi professora particular em fazendas, no Estado de São Paulo. Entre um emprêgo e outro, vinha a Blumenau, aqui permanecendo longas temporadas. Em 1918, casou-se com o engenheiro alemão Hugo von Moers. A primeira filha, nasceu-lhe em Blumenau. Durante seis anos o casal residiu em Lajes, onde nasceram dois filhos. Passaram, depois, a viver em Mafra, Santa Catarina, e em São Paulo. Em 1927 enviuvou. O marido morrera durante uma epidemia de tifo.

Regressou com os três filhos para Blumenau; aí prestou exames para professora pública, tendo sido provida na escola de Rio Scharlach, no então distrito de Hammônia. Pouco depois, transferiu-se para Florianópolis, onde passou a lecionar na Escola Alemã, exercendo o cargo até sua aposentadoria em 1943. Professora por verdadeira vocação, Dona Alice, entretanto, não abandonou o magistério. Continuou ministrando aulas particulares, especialmente de inglês e alemão, línguas que conhecia com rara perfeição. Escrevia, também, com bastante correção, o vernáculo. Até as vésperas de sua morte ainda lecionara.

Era uma verdadeira amiga da natureza, enamorada das suas belezas. Fazia longos passeios, a pé quase sempre. Amava os banhos de mar e a vida ao ar livre.

Lia muito e mantinha variada e numerosa correspondência.

Era uma senhora educada e culta, cuja palestra, agradável e atraente, encantava.

Lamentando, sinceramente, o desaparecimento de Dona Alice, enviamos sentidas condolências à família enlutada.



Os Voluntários da Pátria, que em 1865, seguiram da Colônia Blumenau para a guerra contra o Paraguai, marcharam em dois grupos para Destêrro: o primeiro grupo, de 57 voluntários, na quinta feira, 5 de outubro e, o outro grupo de 11 voluntários, na segunda feira, 23 de outubro. É o que consta de anotações do “Diário da Colônia”.



Em 1927 as condições do transporte de passageiros eram muito outras. Daí a razão porque os jornais blumenauenses publicavam, naquele ano, a notícia sensacional de uma família ter feito a viagem do Rio a Blumenau em 20 horas. Coisa até então nunca vista e nem imaginada. Essa família tomara um “Dornier-Wall” às 3 da madrugada no Rio, chegando a Florianópolis à tarde. E tendo tomado um automóvel em Florianópolis, às nove e meia da noite estava em Blumenau. O jornal que publicou a notícia, comenta-a, com estas palavras: “parece até bruxaria...”.

O primeiro cemitério católico de Blumenau, que existiu atrás da igreja matriz e que foi dali mudado durante o vigariato de Frei Daniel Hostin, atual bispo de Lajes, foi iniciado em 1862. Já então existia o cemitério evangélico, no mesmo local do atual. Em 1862 foram iniciados outros dois cemitérios: o de Garcia e o de Badenfurt. Serviam para católicos e protestantes, cujas sepulturas, entretanto, eram separadas pelo caminho central.

QUANDO EM BRUSQUE, NÃO EXISTIAM CASAS BANCÁRIAS

AYRES GEVAERD

(Da Sociedade dos Amigos de Brusque)

O povoamento de Porto Franco e Ribeirão do Ouro, que hoje formam o município de Botuverá, iniciou-se com a chegada da colonização italiana no Vale do Itajahí Mirim, por volta de 1875. Não sendo terras próprias para agricultura, por ser zona montanhosa, o imigrante italiano procurou nas matas e no calcáreo a base de sua subsistência e desenvolvimento. E foi bem sucedido. Montaram-se muitos engenhos de serra e fornos de cal. Como a estrada não permitia escoamento fácil, principalmente para a madeira, eram feitas balsas que desciam o rio quando as águas se avolumavam em consequência das chuvas. O percurso era feito, desde a barra do Ouro até as imediações da ponte Vidal Ramos, em 3 dias. Interessante registrar nestas notas que o movimento no nosso pequeno porto fluvial chegou a ser intenso em virtude do grande numero de balsas de madeira e das lanchas. Estas transportavam mercadorias entre Brusque e Itajahí e vice versa. Outros 3 dias levavam os balseiros de Brusque até Itajahí, dando-se o regresso a pé, pela estrada. Em consequência das itoupavas ou corredeiras a condução das balsas requeria dos balseiros grande perícia, não só na condução como também na amarração das tábuas. Muito econômico, o italiano que desbravou a região citada conseguiu amealhar regular fortuna com o comércio de cal e madeira, guardando porém o dinheiro em casa. Não tinha a menor preocupação em servir-se de suas economias para aplicá-las ou fazer empréstimos que lhe proporcionasse maior lucro. Os comerciantes estabelecidos em Porto Franco e Ouro, em reduzido número, também italianos e donos de serrarias e fornos, conseguiram ser depositários das economias de seus compatriotas. Esses comerciantes eram, pura e simplesmente, guardas de dinheiro que lhes era confiado, sem documentos. Muitos daqueles colônos perderam dinheiro por desvalorização, em consequência de decreto governamental que recolhia com desconto progressivo determinada emissão, pelo simples facto de preferirem guardar o dinheiro em seus baús. Os primeiros comerciantes que iniciaram transações com os colônos foram, entre outros, Pedro Morelli, Alexandre Tirloni, João Morelli e André Colzani. Mas quem reuniu maior numero de depósitos da natureza mencionada foi sem dúvida o sr. João Morelli, proprietário de sortida casa comercial, engenhos de serrar e beneficiar madeiras e fornos de cal, estes no Ribeirão do Ouro. Inteligente muito conceituado, João Morelli mantinha relações amistosas e comerciais não somente com as famílias de Porto Franco e Ribeirão do Ouro como também de todo o município.

Por várias vezes exerceu as funções de Conselheiro da Câmara Municipal de Brusque. Merecedor de confiança absoluta os colônos, ao fazerem entrega de suas economias, nunca lhe solicitaram do-

cumento ou recibo, deixando ainda a seu cargo a eventualidade de modestíssimos juros.

Exercendo atividades comerciais também na séde do município e em Itajahí, fácil foi ao sr. João Morelli aplicar o “depósito” especialmente em empréstimos a longo prazo com juros de 6% ao ano. Poucas vezes entrava no negócio um documento legalizado; a anotação era feita em uma caderneta ou simples declaração. Num período de seguramente 30 anos, 1900 a 1930, Porto Franco tornou-se a Wall-Street brusquense.

Particulares e comerciantes quando necessitavam de dinheiro demandavam a Porto Franco em procura do sr. João Morelli. As vezes a procura superava o existente em depósito, então o sr. Morelli mandava o solicitante a um colôno mais teimoso ou reservado com o seu dinheiro, com recomendação especial. Sômente quando apareceram em Brusque os primeiros correspondentes bancários e os próprios Bancos, quando a reserva florestal em Porto Franco e Ouro começou a diminuir, e, finalmente, quando o colono italiano começou a pensar foi que essa espécie de guardar e emprestar dinheiro, entrou em declínio.



CRENDICES E “SIMPATIAS” ENTRE COLONOS

No propósito de registrar fatos que possam contribuir para o estudo do folclore colonial, animo-me a consignar aqui um interessante caso de “simpatia”.

Certa senhora estava grávida e, nas suas contas, o praso estava se prolongando além do tempo natural.

A mãe da gestante contou o caso a uma conhecida “benzedeira” local. Esta, então, depois de muitas perguntas, indagou se a mesma gestante, já depois de grávida, não teria passado por debaixo das rédeas de algum cavalo ensilhado, ou atrelado a alguma carroça.

A interpelada lembrou-se de que, de fato, certo dia a filha, para cumprimentar parentes e amigos que haviam parado, numa carroça, diante de sua casa, passara sob o pescoço dos cavalos atrelados ao veículo para apertar a mão dos recém-chegados.

A benzedeira foi logo dizendo:

— Então é isso! Passou por debaixo das rédeas. E em casos dêsses, a gestação poderá durar até onze meses...

E acrescentou em seguida:

— Entretanto, há uma “simpatia” que acaba logo com o malefício.

E ensinou então o meio. A gestante deveria juntar no avental, ou mesmo no vestido, um pouco de ração e nessa improvisada mangedoura, deixar que o animal comesse o alimento. Feito isso, a gestante poderia preparar imediatamente as malas e seguir para a maternidade porque “a coisa seria para já...”

Não sei se a parturiente fêz a simpatia ou, se o fêz, obrou sem fê. O fato é que o parto ainda demorou várias semanas e não ocorreu normalmente. Foi necessária uma cesariana.

CASAMENTOS COLONIAIS

De 11 a 15 de março de 1888, choveu muito em Blumenau. Por toda a bacia do Itajaí as chuvas foram contínuas e copiosas. O Itajaí Açu e seus afluentes e confluente começaram a crescer assustadoramente. Pelo interior da colônia as águas invadiam as plantações e os pastos, obrigando os colonos a providências urgentes para pôr a salvo o gado e demais criações.

Por toda a parte, a população estava apavorada com as perspectivas de uma nova enchente, grande como a de oito anos antes, que protelara para 1883 a instalação do município. Felizmente, porém, a coisa não ficou além do susto e de pequenos prejuízos nas lavouras, prejuízos, entretanto, compensados com o lençol de lama fertilizante, deixando pelas águas.

Noticiando êsses fatos, o "Blumenau Zeitung" acrescenta que também alguns acontecimentos sociais sofreram com o temporal.

No Rio do Têsto, por exemplo, na zona povoada por colonos pomeranos, um casamento marcado para aquela semana, perdeu completamente o brilho e o entusiasmo esperados. Os solenes convites já haviam sido feitos por um arauto, um moço cavaleiro, com o seu chapéu de plumas vermelhas e laçarotes de fitas desta côr e brancas. O cavalo também ia todo garboso e enfeitado de fitas e penas coloridas, de porteira em porteira, de lote em lote, dos colono daquém e dalém ribeirão. Mas, infelizmente, a chuva continuada que caía veio atrapalhar tudo. Meia dúzia, apenas, de convidados, os mais próximos da casa dos noivos, é que compareceram. E, no entanto, os parentes dos noivos haviam preparado um festão. Nada menos que um boi, e dos bem grandes e gordos, dois novilhos, vários porcos foram abatidos; num balde, dêses de bom tamanho, não cabiam tôdas as cabeças de galinhas e frangos que foram sacrificados. E patos, e marrecos e gansos também. O forno, fazia dias que estava sempre quente e cheio de petiscos a assar. De petiscos e de cuca e de bolos que não acabavam mais. Quase meia tonelada de aipim fôra arrancada e posta a cozinhar. Uma cesta de ovos cozidos encontrava-se pronta para ser servida. Os convidados haviam mandado, com antecedência, quilos e quilos de manteiga, fresquinha e cheirosa, que enchia tijelões de louça de barro brilhante. E foi pena que a festa ficou estragada.

Não fôsse a chuva, o temporal, os convidados teriam vindo todos, cada qual trazendo os seus garfos, facas e colheres, juntamente com um apetite feroz; seriam recebidos com banda de música e vivas e hurras e teriam comido, bebido e dançado à vontade. E não só no dia do casamento. Nos seguintes também, enquanto durasse a comedoria e as bebidas. Quando o sol nascia, depois de uma noite de dança, os convidados iriam às respectivas casas mugir as vacas, dar-lhes ração e trato às galinhas e outras criações e voltavam para o local do casório. Foi pena que a chuva estragasse tudo...

UM ALEMÃO ITINERANTE

Para "BLUMENAU EM CADERNOS"
escreveu Luiz José STEHLING.

do Instituto Histórico e Geográfico de Juiz de Fora

Vamos contar aqui a história de JULIUS HERMANN IÄNICKE (ou JAENICKE) que foi um itinerante por várias colônias brasileiras, inclusive — Blumenau. Filho de Carlos Frederico e de Cristina Henriette nascida Rack, viu a luz do dia na cidade de Oelsnig, no Brandenburg, aos 23 de Outubro de 1830. Estudou suas primeiras letras no ginásio "Kaiser Friedrich Wilhelm" do qual foi em 1842, desligado a pedido, por motivo de saúde. No ano de 1850, sua mãe requereu no mês de julho ao comando da Escola Naval de STETIN a sua inclusão naquele "corpo de cadetes", não o conseguindo por já êste estar com seu efetivo completo Julius era dotado de espírito aventureiro e por isso, neste mesmo ano ingressou na Marinha de Guerra Alemã como grumete, foi embarcado no navio "BACCHUS", no qual fez uma viagem de 2 meses de duração entre os portos de Stetin e de Goole na Escocia. Ao retonar, foi-lhe dado baixa do serviço da Marinha, a pedido do médico de bordo, que o julgou incapaz para o serviço do mar devido suas condições físicas. Como bom Prussiano, era essencialmente militarista, no dia 1.º de outubro de 1853, como voluntário, assentava praça no "Segundo Batalhão de Caçadores Reais" aquartelado em Greifswald, servindo durante dois anos na 1.ª Companhia, alcançando o posto de cabo. Nesta ocasião, matriculou-se com o número 109 na "Universidade Real de Greifswald" para fazer o curso de agronomia. De seus assentamentos militares que estiveram em minhas mãos, consta o seguinte. "Tem 5 pés e 6 polegadas de altura, compleição franzina, cabelos loiros, olhos azuis, é de bom comportamento e não faz uso de bebidas. Foi revacinado e deu baixa em 1855". Depois de ter-se formado, foi trabalhar como agrônomo numa fazenda em "Streikentine", e quando dela saiu, deu-lhe o proprietário o documento seguinte: "O agrônomo Julius Hermann Iänicke da cidade de Oelsnig veio no dia 5 de abril de 1855 da Academia Real ELDEMA para aqui e desde esta data esteve trabalhando em minha fazenda, e, devido aos seus conhecimentos e ótimo comportamento faço espontaneamente esta declaração.

Streikentine, 1 de Janeiro de 1856.

Assinatura ilegível".

Em busca de aventuras resolveu emigrar para o Brasil, e por isso, em requerimento que fêz ao governo da Prússia, solicitou o cancelamento de sua cidadania prussiana, que com os seguintes dizeres foi despachado: "O abaixo assinado, "GOVERNO REAL", atesta pela presente que o agrônomo Julius Hermann Iänicke da cidade de Oelsnig, no distrito de COTTBURGS, com 25 anos de idade, a seu próprio pedido, por motivo de sua emigração para o Brasil na América do Sul, o cancelamento de sua cidadania prussiana, o que lhe foi concedido. Este documento só terá valôr para seu proprietário, que com a data de sua assinatura perde a cidadania prussiana.

Frankfurt am Oder, 29 de Outubro de 1855.

GOVERNO REAL DA PRÚSSIA. — SECÇÃO DO INTERIOR.
Sôbre Sêlo Real — Assinatura ilegível”.

Como se pode deduzir, Julius trabalhou na fazenda em Streikentine apenas para arranjar dinheiro com que emigraria para o Brasil, não conseguí descobrir o navio em que viajou, mas no mês de setembro deste ano de 1856, êle chegou a “Colônia BLUMENAU”, conforme os dizeres dêste certificado: **“CERTIFICO PELA PRESENTE, QUE O SR. HERMANN IÂNICKE ENTRAVA NESTA COLÔNIA NO MEZ DE SETEMBRO DO ANO DE MIL OITOCENTOS E CINQUENTA E SEIS. E PARA CONSTAR PASSO A PRESENTE.**

COLÔNIA DE BLUMENAU, 7 DE FEVEREIRO DE 1857:
Ass. Dr. H. BLUMENAU”.

Desta Colônia êle retornou para a Cidade do Rio de Janeiro, segundo verifiquei nos seus documentos numa cópia de anuncio que foi publicada num jornal da Côrte que dizia o seguinte: **“UM MOCO ALEMÃO** de profissão **“HOLEIRO”** bastante habilitado em todo o serviço de sua arte deseja se empregar em qualquer estabelecimento dando fiador de sua conduta e por isso roga as pessoas que o pretenderem, dirigirem-se a rua da Misericórdia N.º (ilegível). Não estava êste anuncio datado e nem assinado, mas ao que parece deu-lhe sorte, conforme o seguinte documento: O Coronel José Pereira de Bulhões Carvalho, proprietário da **“Fazenda do Rosário”**, no Município da Vila da Estrela, com fábrica de **“OLARIA”** atesta que o sr. Hermann Iânicke estêve empregado em sua fazenda oito mezes como **ADMINISTRADOR**, tendo servido muito bem, dirigindo os trabalhos do estabelecimento de que já tem bastante prática, com inteligência e atividade, é muito civil, fiel e de boa conduta, deixou de continuar com seus serviços por ter enfermado, cuja enfermidade dependia de um tratamento prolongado o que afirmo em abôno da verdade e passo a presente por lhe ser pedido.

Rosário, 19 de Outubro de 1858.

Ass. — José Pereira de Bulhões Carvalho”

Esta fazenda do Rosário, salvo erro meu, deve ter sido retalhada da histórica **“FAZENDA DA MANDIOCA”** que pertenceu ao Barão de Langsdorff, para qual vieram os primeiros colonos alemães trabalhar numa fazenda brasileira em 1821. Iânicke adoecera com os ares pestilentos da baixada fluminense, naturalmente atacado de impudismo, e por isso, foi ter a **“Imperial Colônia de Petrópolis”** onde pouco se demorou. Dalí veio para a então cidade de **PARAIBUNA**, hoje Juiz de Fora, e alojou-se na **“Colônia D. Pedro II”** onde passou a exercer sua atividade. No ano de 1869 contraiu matrimônio com a colona **LEONORA DORE**, e pouco tempo depois, sempre de acôrdo com seu temperamento intinerante, abandonava esta Colônia para transferirse para a cidade mineira de **UBÁ** onde montou um estabelecimento comercial. Ali nasceu seu único filho — **JACOB** — e com a idade de 41 anos faleceu em 1871.

Na cidade de Juiz de Fora encontram-se seus descendentes.

ALGUNS ASPECTOS DAS ATIVIDADES DE FRITZ MULLER

Hitoshi Nomura

Múltiplas foram as atividades de Fritz Müller, quer como simples colono, quer como naturalista. Vamos aproveitar os "Apontamentos para a história da colonização de Blumenau: 1850-1860", de Paulo Malta Ferraz (Publ. Inst. Hans Staden, São Paulo, 1949) para apresentar algumas das atividades do ilustre naturalista.

Eis uma delas: "Antes de terminar o ano de 1852, ocorreu na colônia um fato que alarmou os seus moradores: um grupo de índios atacou a residência do dr. Hermann Blumenau, situada à margem do ribeirão Velha. O ataque, que se verificou à tarde do dia 28 de novembro, quando dr. Blumenau estava na capital da Província, foi repellido por dois colonos moradores nas proximidades. O dr. Fritz Müller, em notas que escreveu para amigos e conhecidos sobre a sua instalação à margem do Garcia, descreveu o ataque dos bugres à propriedade do dr. Blumenau, assim:

"Quando, pelas três horas, um dos colonos saiu de casa, viu cinco homens morenos, armados com arcos e flecha, aproximarem-se da casa, vindos de um morro próximo, onde havia plantação de mandioca. O sexto bugre ficara no morro. O branco aproximou-se deles, de modo pacífico, colocou o fuzil no chão e fêz-lhes sinal com um ramo verde, para que eles se aproximassem sem armas.

Os índios hesitaram e pareciam aceder aos gestos do branco, quando a um sinal de seu chefe começaram uma gritaria pavorosa e, batendo com as mãos espalmadas nas coxas, avançaram em sua direção. O outro colono branco que ali chegara, alarmado com a gritaria dos indígenas, atirou para o ar a fim de amedrontá-los. Os bugres estacaram, mas logo depois continuaram avançando. Os dois brancos voltaram correndo para casa, mandaram a mulher para o Garcia a fim de pô-la em segurança e, se preciso fôsse, pedir auxílio. Em seguida, ambos os colonos esconderam-se numa choupana ao lado da casa. Os bugres aproximaram-se fazendo grande alarido, cravam suas flechas na parede da casa e começaram a saqueá-la. Chegaram a entrar no quarto do dr. Blumenau. Nessa ocasião, um dos índios é atingido por um tiro desfechado por um dos brancos. Ao sentir-se ferido, o índio lança sua arma no chão e foge gritando, sendo seguido pelos seus demais companheiros. Os brancos continuam atirando contra eles e, mais um índio saiu ferido, mortalmente. Os bugres embrenharam-se, de novo, no mato e mesmo quando já se encontravam bem longe, ainda se podia ouvir os seus gritos apavorados. No dia seguinte, foi encontrado um dos selvagens, agonizante."

Outro fato interessante encontra-se à página 23: "A selva que então cobria todo o vale, não era também um obstáculo fácil de vencer. A derrubada da mata para o preparo das primeiras roças ou constru-

ção de rancho primitivo, não raro causava acidentes, porque as copas das gigantescas árvores ligadas às vizinhas por fortes cipós, arrastavam na sua queda galhos da grossura de árvores e, por esse mesmo motivo, algumas vezes a direção da queda ocorria de modo diverso do previsto pelo corte. Um acidente dessa natureza, felizmente sem maior gravidade, ocorreu com o sábio Fritz Müller, que assim o narrou em uma de suas cartas para sua irmã Röschen:

“Ainda preciso contar-te que uma vez quase perdi a vida no mato. Havíamos cortado árvores e estávamos partindo os galhos espalhados no chão. Encontrava-me entre os galhos de uma laranjeira, quando ouvi chamar o meu nome e vi que o palmito que Augusto estava cortando caía em minha direção. Não pude fugir, tão depressa e o tronco bateu na minha cabeça. Cáí sangrando, no chão. Logo, porém, recuperei os sentidos e com compressas que fiz durante tôda a tarde, melhorei bastante. Mas, ainda hoje, muito sol faz mal à minha cabeça. Cortar árvores aqui na mata é muito perigoso, pois, muitas vezes, a direção da queda dos troncos cortados é desviada por cipós e outras plantas”.

Os primeiros colonos tinham também muitos problemas com cobras, onças e outros animais. Quanto ao ataque de feras escreveu Fritz Müller:

“Últimamente, nossa vida teria decorrido muito calma se não aparecesse algo que apavorou tôda a colônia: a visita repetida de onças ou jaguares. Uma manhã, contou-me meu vizinho que durante a noite um tigre, como aqui também denominam as onças, devorara seu cachorro. Não quis acreditá-lo, porém, logo duas noites após, apareceram mortos dois porcos de meu vizinho e, na manhã seguinte, encontramos pelo caminho uns rastos de animal, que devia ser muito grande e devia estar acompanhado por outro menor, do tamanho de um gato bem grande. Preparamos, logo, as espingardas, as armadilhas e guardamos bem os animais. À noite, depois de se ter notado o desaparecimento de um cachorro, um grito repentino fez acordar meu irmão Augusto. Em companhia de S. . . , meu irmão foi ao chiqueiro e viu que duas táboas do teto estavam separadas e no chão encontrava-se um porco morto. Pelas marcas de sangue via-se que a onça já erguera a sua prêsá até ao teto. Ambos, então, pegaram o animal morto e o amarraram a um tronco de árvore, próximo à casa. Mal se postaram, armados de espingarda, atrás da janela da casa, quando reapareceu a onça que foi recebida com dois tiros. Por um pequeno instante a fera estacou. Depois fugiu aos saltos para a mata. Na manhã seguinte seguimos por muito tempo as marcas de sangue; mas, desde então, a fera não mais apareceu.”

E assim decorria o tempo na colônia blumenauense. . .



No dia 11 de fevereiro de 1867, pelo meio dia, chegou à sede da Colônia Blumenau, o presidente da província, Dr. Adolfo de Barros Calvalcanti. Chovia fortemente. Permaneceu na colônia visitando as várias linhas coloniais e as escolas, sempre com tempo chuvoso, a 12 e 13, partindo na quinta-feira, 14. Nêsse dia fêz bom tempo, caindo, logo pela manhã, forte vento do mar.

CARTAS DO Dr. BLUMENAU

Carlos FICKER

Recebeu o secretário da Sociedade Colonizadora de 1846 em Hamburgo, Snr. W. Huehn, uma carta do Dr. Blumenau, verdadeira relíquia histórica dos primeiros tempos da colonização. Do original alemão reproduzimos adiante uma tradução livre, de certo uma fonte de informações inéditas para o historiador.

"Blumenau, 10 de maio de 1852.

São moradores aqui perto do rio, umas 40 famílias alemães e mais, ou menos 25 famílias flamengas; mais para cima da minha casa o Snr. Paul Kellner de Braunschweig, abaixo mora o Snr. F. W. Friedenreich de Hettstaedt perto de Eisleben, e na área colonial o Snr. Fr. Tagel do mesmo lugar; seguem os Snrs. P. Wagner e P. Lucas da Renania, Fr. Voigt de Holstein, Georg Luiz, Mathias e Georg Werner; Nicolas sen. e Nicolas junr. Deschamp, L. Klocke, Val. Theiss, P. Mueller, Ph. Schneider, Matthias Schneider, G. Pietz, Rink, Kehrbach etc.

Principalmente uma família muito ativa, Schramm de Erkroth perto de Duesseldorf, todos da Renania e católicos, são os melhores colonos da redondeza. Na barra moram três alemães com venda e empório: A. Haendchen, P. Palm e P. Mueller. No Itajahy pequeno moram 7-8 famílias alemães. Werner, Sesterheim, Heinrich Wagner, Maroth etc.

Eu, por minha pessoa, possuo uma casa típica da região e últimamente outra, maior e mais confortável; ficando o quarto dos trabalhadores e o quarto das empregadas e a cozinha numa outra casa, também nova.

A casa velha tem 3 dependências, na parte da frente dois quartos assoalhados, a casa nova além da sala de estar possui duas dependências no sótão; estas 3 casas estão rodeando um pátio, que no seu quarto lado é fechado por cerca feita de palmito. Ao lado dêste existem chiqueiro para porcos e pequeno curral para galinhas e patos, além de um grande rancho.

Defronte a casa ao lado esquerdo um jardim (agora em desordem e cheio de mato) em que estou trabalhando atualmente para plantar alguns pés de árvores frutíferas, chá e outras espécies de árvores. Ao lado direito um cercado para novilhas, de dois lados fazendo frente para um riacho e o rio grande. Atravessando o riacho, possuo mais ou menos 25 - 30 morgos de plantação de cana de açúcar e uma usina de açúcar com alambique e outros apetrechos para a destilação. Perto da minha casa e ao longo do rio, existe o pasto, que, quando limpo, serve para umas 80 a 100 cabeças de gado. Atualmente só tenho 20 cabeças, entre êstes 7 bois de carga.

No mesmo lado do pasto existem mais 10 morgos de plantação de cana e 5-6 morgos com plantação de mandioca e ricino. Além disto possuo 30 galinhas, alguns patos e gansos, 4 porcos e 16 leitões. Ainda falta plantar laranjeiras, porém mais de 1000 pés de banana estão dando um ótimo rendimento.

Os outros moradores estão mais ou menos bem acomodados, conforme a sua capacidade e profissão, com bastante produção de laran-

jas, pêssegos e bananas, criação de galinhas e porcos e também com gado, porém as casas residenciais são muito mal feitas, como em geral no Brasil. A alimentação principal consiste em leite, ovos, carne de porco, carne seca, as vezes carne de aves ou peixe, verduras, feijão preto ou verde, farinha de mandioca. Caso o Snr. H. possa trazer as pedras do moinho encomendado, será resolvido este caso. Manteiga é produto de grande raridade, porém pode-se adquirir este produto de outros colonos rio abaixo. Os mais abastados da colônia plantam cana, mandioca, feijão, milho e também batatas e cebolas. A gente mais pobre não planta cana. Batatas existem em abundância, algodão e café somente para o uso caseiro, pouco rícino, que afinal seria boa fonte de renda no caso da existência de uma moenda de rícino, sendo o óleo de rícino muito caro e difícil de adquirir.

O tabaco está sendo plantado cada vez mais para o consumo doméstico. O produto de maior exportação do Itajahy consiste em cachaça, madeira de construção, tábuas, feijão e batatas. No rio Itajaí mirim existem duas serrarias e uma terceira projetada. Pequenos riachos para trabalhar moinhos, existem por toda parte. A grande queda de água no meu terreno deve fornecer alguns milhares de cavalos força motriz e também o rio Luiz Alves, dando oportunidade para futuros empreendimentos industriais.

O chão é extremamente fértil; a minha plantação de cana dá uma boa produção, apesar que ainda plantei no meio feijão e milho.

Pretendo plantar uns 1000 pés de café no meio da plantação de mandioca nova neste lado do rio. O Snr. Schramm, apesar de somente possuir alguns pés de café, está produzindo a quantidade necessária para o uso doméstico. Em geral um pé de café dá entre 2 e 8 libras, como por exemplo na plantação do Snr. Schramm, sendo este o colono mais bem instalado, já tendo fabricado açúcar perfeitamente branco.

Eu já destilei uma cachaça tão perfeita que é semelhante ao nosso Arrak e pretendo vender na semana que vem umas 10 pipas e umas 200 Arrobas de açúcar. Não é uma quantidade muito grande, mas eu estive muito tempo ausente.

Grandes plantações rendem somente, quando unidas a indústrias; os pequenos lavradores dão-se aqui melhor, principalmente quando possuem alguns filhos capazes de trabalhar na roça.

O Senhor talvez está imaginando que tudo aqui é completo mato virgem, mas até uma distância de uma hora abaixo da minha casa quasi tudo é habitado; e somente aqui em cima e acima da cascata ao lado da Serra Geral, existe um lindíssimo mato virgem que espera os seus povoadores e a abertura de caminhos."



Em 1867, o número de alunos em todas as escolas da Colônia Blumenau (duas escolas públicas e 5 particulares) era de 262, sendo 125 meninos e 137 meninas.



O secretário da Legação da Prússia no Brasil, Theodoro von Bunsen, visitou a Colônia Blumenau a 28 de setembro de 1866, aqui permanecendo até 3 de outubro.

OUTRAS CARTAS DO DR. BLUMENAU

"Rio de Janeiro, 2 de agosto de 1846.

Meus queridos Pais!

Hoje parte, via Havre para Hamburgo, um conterraneo do Rio Grande, em cuja companhia eu estive hospedado aqui durante quatro semanas, e aproveito a oportunidade para mandar-lhes uma pequena recordação minha aqui do Brasil, uma bagatela que, mesmo assim talvez lhes dê alguma alegria. São flôres confeccionadas de carochinhas, que eu comprei em Santa Catarina, onde é feito este trabalho. Se o arranjo perder um pouco a forma, é fácil retorcer as hastes. Debaixo de vidro e moldura, fica bem bonito.

(Queixa-se da falta de notícias de casa, enumerando as cartas que êle já mandou).

X X X

Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1846.

"Meu presado Goetter.

(Cunhado do Dr. Blumenau).

Há oito dias enviei pelo paquete Falmoth uma carta para os pais, que, certamente, custará caro, mas que eu me vi obrigado a despachar assim, para ter a certeza de que chegue mesmo ao seu destino".

(Seguem queixas pela falta de notícias, até àquela data, da parte da família, e instruções de como as cartas deviam ser despachadas).

"Já ocorreram roubos de cartas, e como tenho vários concorrentes invejosos no caso da colonização, receio haver interesse na interceptação da minha correspondência".

(Blumenau dá instruções a Goetter sôbre outros assuntos e o encarrega de diversas encomendas, pedindo ainda informá-lo sôbre livros científicos, como dos preços de máquinas movidas a vento, geradores de força motriz, e ainda sôbre as de pressão hidráulica, de maior potência, que êle pretendia aproveitar, possivelmente, para o processo de extração da gordura do sêbo).

"As minhas perspectivas aqui melhoraram consideravelmente nos últimos tempos. Uma Sociedade hamburguêsa de Colonização, com o capital de 500.000 talers, me fez vantajosa proposta, que aceitei em principio. Participo, segundo a mesma desta Sociedade, sem renunciar, entretanto, a minha proposta particular ao Governo, que é mais vantajosa do que a dos hamburguêses. Há possibilidade de sucesso, se bem que esteja duvidoso ainda, se o caso tenha aceitação de qualquer maneira. Se a minha proposta fôr aceita, figurarei como autor da mesma, cedendo a concessão, entretanto, conforme o compromisso firmado, aos hamburguêses. Farei, entretanto, algumas condições, para preservar o grande empreendimento planejado, dos feitos de diretrizes meramente comerciais, como assegurarei algumas vantagens para mim, às quais, de maneira legal e honestamente, tenho direito. O resultado entretanto, está ainda a longa distância, e tenho receios de que, talvez, nem eu nem ninguém, tenha êxito no assunto.

Por enquanto, segundo o acôrdo com os hamburguêses, serei indenizado de tôdas as depêsas que tive até agora aqui no Brasil, (300 talers, mais ou menos), e ser-me-ão fornecidos os meios para eventuais viagens necessárias em prol do objetivo, como para a minha manutenção adequada neste meio tempo, quando me encarregarei de trabalhar e escrever pelo assunto. Para a minha estada aqui percebo 150 talers, dos quais espero poder guardar 30 a 50 talers. Para as viagens necessitarei de verba maior, pois 150 talers dificilmente chegam. Foi-me garantido ainda um emprêgo, no caso de êxito do projeto, e fiz a condição de ser incluído no rôl dos acionistas, com a cóta de 40 a 50.000 marcos 1300 (20 — 25.000 talers), na constituição da respectiva sociedade definitiva que empreenderá a colonização.

Tenho, assim, pelo menos a garantia de não perder dinheiro, podendo variar, ainda, relações e tornar-me conhecido, chegando a conhecer melhor o país e fazer, possivelmente, uma viagem interessante, sem gastar dinheiro. Posso apalnar, desta maneira, o caminho para outros objetivos no futuro, para o caso de que não se realize o projeto, que agora unicamente me preocupa, isto, principalmente, através de uma respectiva viagem a Santa Catarina e ao Rio Grande.

Além dêste projeto, tenho dois ou três outros assuntos em perspectiva, que me salvarão no mínimo, de prejuízos. Assim possuo recomendações a donos de grandes propriedades agrícolas ("fazenderos"), onde poderei ficar alguns mē-

ses, sem pagar nada, para observar e conhecer melhor o país e sua gente e costumes, a agricultura e as indústrias recomendadas às condições da terra em cujas instalações os respectivos meios estariam interessados. Estas propostas me fizeram dois médicos alemães, dos quais um encaminhar-me-ia à região serrana, à terra do café, enquanto o outro se referiu às planícies canavieiras.

Caso não se desenvolvesse tão bem o assunto com os hamburguêses, eu teria aceito estas propostas, para uma possível decisão. Além da parte de estudos, a face atraente era a possibilidade de participar de caçadas, e de empreender-me em coleções naturalísticas, além da perspectiva de agradável convivência com os brasileiros do interior, que, mesmo que não sejam muito instruídos, são inteligentes e pessoas de muito espírito, além de extremamente hospitaleiros.

Agora, entretanto, estou comprometido à causa hamburguêsa, e remunerado nas eventuais viagens que terei de empreender ao Rio Grande e a Santa Catarina, regiões que muito particularmente me interessam. Possivelmente já viajarei dentro de quatro a seis semanas, o que seria ótimo para mim, já como repouso para a minha vista, e por poder evitar, assim, o verão daqui, onde o calor é bem mais forte.

O Brasil é um país rico, como não existe igual, onde há ainda multiplas possibilidades de empreendimentos e de se ganhar dinheiro, muito especialmente também no meu ramo, se bem que mais no setor técnico, do que no químico, mas onde a química será também de grande vantagem, e resultaria na poupança de mão-de-obra, e, assim, em aumento de lucros. Todos os ramos da indústria são explorados ainda da maneira mais rudimentar e primitiva, onde o sistema racional daria bons resultados. Se o serviço manual fosse substituído por máquinas, solução aqui ainda não cogitada, procedesse, como na América do Norte, onde se acompanha e se adota os reais melhoramentos da Europa, e os negócios fossem administrados de maneira conscienciosa, poder-se-ia contar com êxito absoluto nos mesmos, e com um mercado sempre crescente”.

(Seguem descrições da situação econômica geral, no Brasil).

“Se eu conseguisse estabelecer-me no Rio Grande, como eu desejaria, eu seria um homem feito. A região é saudável e fértil, e para o meu ramo apresenta-se aí um bom campo, ainda pouco explorado.

Tenho neste sentido, um plano, que naturalmente poderei mudar ainda radicalmente, que consiste em procurar aí um francês, que eu conheci, e que tem a fama de ser um homem honesto. Proporia ao mesmo trabalhar, sem remuneração, durante seis meses na Fábrica de banha do mesmo, para integrar-me neste negócio e para conhecer o tratamento dispensado aos negros, dos quais êle possui 25. Estudaria a possibilidade de ser aceito como sócio, apresentando os meus planos de ampliação do empreendimento, com a instalação de indústrias para o aproveitamento do material, agora desprezado, assim como uma fábrica para a produção de “Beinschwarz” — (colorido preto, do pó de ossos) e outra de velas, onde se pode melhorar bastante o produto hoje existente no mercado.

É uma hipótese, apenas, pois neste setor eu dependeria do fato de ser admitido para estudar primeiro o processo da fabricação de banha. O homem me ofereceu este estágio, caso eu quizesse conhecer o assunto, para aproveitamento qualquer, mas nem sempre se pode confiar em tais gestos. Os franceses são, geralmente, muito afetos à sua “belle France”, e costumam retornar para lá, depois de terem feito a sua fortuna. Haveria, neste caso, talvez até a possibilidade de eu adquirir, mais tarde, a tal empresa”.

(Descreve o plano e processo do aproveitamento das ossadas para a fabricação da tinta preta; — dá conselhos aos parentes de adquirirem terras na América do Sul, onde recomenda, principalmente, o Uruguai, onde supõe que, terminada a guerra, conseguir-se-ia ainde terras baratas).

“Eu tenho a intenção de empregar o dinheiro que possuo, e o que poderia conseguir através de um empréstimo, na compra de um complexo de terras, cuja situação, entretanto, ainda deverei localizar. Existe aí ótimo minério de cobre, que me foi mostrado. Se o tal local não se encontrar longe demais da costa e de vias fluviais, se aí houver boa madeira e, sobretudo, as terras estiverem à venda, (e não muito caras), procurarei assegurar-me a posse das mesmas. Naturalmente terei de examinar tudo a fundo, e refletir sobre a questão, observar o minério e a jazida, se esta é de importância a poder-se esperar um bom rendimento. A idéia, entretanto, não me sai da cabeça, e procurarei tratar desta questão, na programada viagem ao Rio Grande, onde consta existir a tal jazida”.

A RUA 7 DE SETEMBRO

Cristiana DEEKE BARRETO

Existe no Arquivo da Prefeitura Municipal de Blumenau, um documento, passado em Florianópolis, em 1877, com as firmas reconhecidas pelo Tabelião Juvêncio Duarte da Silva, no qual proprietários de um terreno na Sede da Colônia de Blumenau, dão o seu consentimento para que a Diretoria da mesma "abra e faça uma estrada ou rua pelo nosso atual lote de terras, sito nesta sede, o qual foi de Augusto Gloeden, que, entroncando-se na rua de Abrantes, passa pelo dito nosso lote, na largura de cinco braças e que, para êste fim cedemos gratuitamente, para comunicar-se com a estrada ou rua reservada pelo Sr. Dr. Blumenau nas terras que êle tem vendido aos Srs. Deeke e Petters. — Santa Catarina — Desterro, 19 de fevereiro de 1877. Bade, Kirbach & Cia."

A lapis, pela mão do Dr. Blumenau, tem a seguinte anotação:

"A rua ou estrada, de que êste documento reza, tem de passar, principiando pouco mais ou menos onde se acha o travessão ou a linha dos fundos das terras do patrimônio da Matriz, pelo baixo que aí existe, passando das terras dos autores do presente documento, pelas de hoje Deeke e Petters, para as de Dr. Blumenau".

Trata-se, portanto, da atual Rua Sete de Setembro, construída apenas na década de 1920, denominada "7 de Setembro" pelo Decreto n.º 174, de 5 de junho de 1924. — O respectivo terreno, entre o patrimônio da Igreja Matriz e as propriedades de Deeke e Petters, que, parcialmente, se encontra até hoje em mãos de descendentes — (Deeke, Petersen, Hering, Freitag, Barreto etc., da parte dos Deeke, e Tietzmann do lado de Petters) deve fazer parte hoje do patrimônio dos Pes. Franciscanos, Colégio Santo Antônio. A "rua de Abrantes" deve ter sido a atual "Rua Padre Jacobs", anteriormente denominada "Rua Espírito Santo", construída também apenas na segunda década do século atual, ou então a atual "Rua Floriano Peixoto", de onde partiu "o travessão ou linha dos fundos das terras do patrimônio da Igreja Matriz, pelo baixo que aí existe" — conforme explicação do Dr. Blumenau.

Quem eram "Bade, Kirbach & Cia": (Dados extraídos do "Livro Comemorativo", publicado por ocasião do 1.º Centenário da Imigração Alemã em Sta. Catarina, 1828-1929, pgs. 157/160.):

Em 1850 foi fundada em Florianópolis (então Destêrro) a firma

"Wellmann & Bade"

(Eduardo Wellmann e Friedrich Carl Christian Bade). O primeiro retirou-se em 1877, quando entrou para a mesma o Sr. Gustavo Kirbach, sendo o nome da firma mudado para

"Bade, Kirbach & Cia."

No mesmo ano entrou o Sr. Ernesto Wahl, sobrinho do Sr. Bade, como procurador na firma, para cuja propriedade, em associação com o Sr. Franz Sallentien, passou a mesma em 1882, sob o nome

"Wahl & Cia."

Em 1898 entrou como sócio da mesma também o Sr. Reinhold Sallentien, quando a firma passou a chamar-se

"Ernesto Wahl e Sallentien".

Em 1904, a firma passou para a propriedade e administração dos Srs. Ernesto Stodick e Hermann Beck, com a participação dos antecessores, durante alguns anos, como acionistas, sob o nome Ernesto Wahl & cia.

"Bade, Kirbach & Cia." eram, portanto os antecessores de 1877-1882, da atual firma florianopolitana.



FRIO INTENSO

Dos documentos do Arquivo Histórico de Blumenau, destruídos pelo incêndio de novembro de 1958, constavam dados sobre o rigôr do inverno do ano de 1875, quando ocorreram fortíssimas geadas nos dias 16, 17, 18 e 26 de junho, e 1.º, 2, 14 e 15 de julho. Havia as relações elaboradas em tôdas as partes da

colônia, sobre o fenômeno e respectivos danos causados. A relação da sede, revelava que, nas vasilhas com água, que ficaram durante a noite ao ar livre, foi constatada, na manhã seguinte, uma camada de gelo, de 1/5 polegada.

O respectivo informante de Indaial, Sr. F. Kelling, comunicava o seguinte ao Sr. Hermann Wendeburg, diretor interino da Colônia de Blumenau: (doc. 8-28-II). "... A geadas dos dias 16, 17 e 18 de junho, flagelou a quase todos os moradores de Indaial, até São Paulo, causando a uns maiores, a outros menores prejuízos. Mais fortes foram as geadas no trêcho Indaial/Caminho das Areias, até à propriedade de Francisco Andrade Leite. Neste morador, estabelecido a umas 150 braças de distância do caminho, Mato a dentro, queimaram as geadas tudo, até ao chão. Mais ou menos 400 pés de café morreram, e a cana de açúcar, ao que parece, não poderá mais ser aproveitada. Pois em 3 tachos, cheios de calda, depois de 8 a 10 dias, formara-se apenas uma leve crosta de açúcar, que não escorria, permanecendo o resto em melado líquido, o que aquêle proprietário de engenho de açúcar, supõe seja consequência da cana atingida pelas geadas" — Este trêcho do Relatório do Sr. Kelling, foi, antes de 1958, copiado e traduzido do original. Estamos lembrados que, no mesmo, o autor ainda informava, que caçadores, estabelecidos em Rio Morto, verificaram nas suas caçadas, que na região de Morro Pelado e Subida, muitas árvores da selva haviam perdido as folhas, estando secos, também, os cipós, parasitas, gravatás etc.

O autor destas linhas recorda ainda um fenômeno, constatado após às fortes geadas de 1918. Nas matas do Alto Vale do Itajaí, morreram tôdas as taquaras, abrindo também, por pouco tempo, um vazio nas selvas. Os colonos contaram, que, as varas de taquara, rachavam com grande estalo. Explicou-se este fenômeno da seguinte maneira: No centro ôco das varas há, muitas vêzes, água, que, congelando na temperatura baixa, dilata-se, rompendo as paredes externas das varas. — Uma praga de ratos, verificada na época, também foi atribuída às devastações florestais pelas geadas. Não sei, se estas afirmações são cientificamente comprovadas.

De uma carta, escrita por Ernest Weise, morador da Colônia de Blumenau, nas imediações da sede, a 10 de Novembro de 1856, a seus parentes na Alemanha:

"... tivemos a notícia que a carestia, no Sul, está aumentando novamente, e que os preços aqui irão subir também, imediatamente... Tudo isso ocorre em consequência de frio e humidade, que não tem fim. No dia 16 de agosto tivemos geadas, de dois dedos de grossura, e houve gelo em diversos lugares. Isso, para os brasileiros, foi frio severo, pois com dez graus acima de zero, já estão morrendo de frio".



O jornal "Colonie Zeitung", de Joinville, de 20 de agosto de 1878, publicou o seguinte: "Em 20 do corrente, o Ministro da Agricultura (Sinimbu) acusou recebido o officio em que a presidência da Província transmitiu uma relação que lhe apresentara o diretor da Colônia Blumenau, de imigrantes inválidos e indigentes que, tendo sido introduzidos pelo empresário Joaquim Caetano Pinto Júnior, tiveram ingresso naquele estabelecimento; e como da observação feita na mesma relação, consta que além dos indicados nominalmente, outros muitos imigrantes ali existem, procedentes de igual origem, mutilados, antigos criminosos de homicídio, de roubo e contrabando, incapazes por sua índole e hábitos, de qualquer trabalho rural, recomendou-se-lhe ordenasse ao referido diretor que, com urgência, remeta uma lista de tais indivíduos, acompanhada dos esclarecimentos que demonstrem pertencerem êles às classes mencionadas e habilitem o govêrno a fazer efetivas as disposições do contrato celebrado com o dito empresário".

Editais da direção da colônia

Determinações e normas de orientação para recém-imigrados, referentes à escolha e aquisição de terrenos de propriedade do Governo, e sobre as condições de concessão de subvenções e respectivas cotas de adiantamento em dinheiro, ou valores equivalentes.

1.º — Todos os recém-imigrados,, habilitados a escolher e adquirir terras de propriedade do governo, caso necessitarem de subvenção monetária da parte da Direção da Colônia, deverão escolher o seu lote no decorrer dos primeiros dez dias da sua chegada à Colônia, entre os terrenos já cedidos, informando, depois, o escritório da administração sobre a escolha para proceder-se ao respectivo registro. Quem não cumprir esta determinação, sem motivo justo e reconhecido pela administração da Colônia, perde o direito à subvenção, em dinheiro ou valores equivalentes, não lhe assistindo, tampouco, o direito de indenização, caso resolva abandonar a Colônia, correndo as respectivas despesas por conta do mesmo.

2.º — Cada chefe de família recém-emigrado, com mais de 20 anos de idade, com o propósito de estabelecer-se em um lote adquirido do Governo Imperial, empenhando-se em providências para a realização do mesmo, recebe um adiantamento sobre a subvenção total e única que se concede, importando em 72\$000, tanto para o chefe, como para cada membro da família, com mais de 10 anos de idade, sendo a subvenção para filhos com menos idade, de 36\$000.

a) — Aumento de família, ocasionado por nascimentos, como também a diminuição, através da morte de uma criança, com menos de um ano de idade, não alteram a importância do auxílio estabelecido, sendo que a morte de outros membros da família, salvo disposições especiais da administração, resultarão na cessão da respectiva cota do abono concedido.

b) — Solteiros, que se casarem aqui, depois de terem adquirido um lote do governo, não serão compensados com subvenções, além de, possivelmente, a cota de adiantamento que coube à jovem esposa, no caso de tratar-se de filha de um recém-imigrado, da subvenção concedida a este, ao qual, neste caso, não será mais paga a respectiva parte. Como casamento legal é reconhecido, unicamente, o comprovante do ato religioso.

3.º — Solteiros que não pretendam, ou por falta de idade não puderam comprar um lote, não terão direito a outros auxílios, além do necessário para a sua manutenção durante 10 dias, e possivelmente, ainda ao fornecimento das ferramentas necessárias para a participação em serviços de construção de estradas, consistindo em enxada e pá. Também se dá a estas pessoas, apenas a garantia para esse meio de sustento, por meio ano, com 15 dias de serviço em cada mês. Também deverão abandonar a casa de recepção de imigrantes e procurar outra hospedagem, da mesma maneira como as famílias recém-chegadas, após o prazo determinado pela Direção da Colônia.

4.º — Cada família, ou cada pessoa solteira, que comprar um lote de terras da direção da Colônia, deverá comprovar a posse dos seguintes utensílios, antes de poder ser contemplada com uma cota maior de adiantamento: louças e panelas, roupas de cama e um cobertor para cada pessoa de mais de 10 anos de idade, ou um para duas crianças menores, além de espingarda, machado, enxada, foice, picareta e pá para cada um dos membros masculinos, válidos para o serviço. Caso não possuírem êsse material, o mesmo poder-lhes-á ser fornecido pela direção, com o desconto das respectivas despesas das cotas de subvenção, podendo também êles mesmos adquirir êstes objetos, com a apresentação das cadernetas sôbre as cotas de subvenção, quando a despesa será logo marcada nas mesmas, e lançada e cobrada, pelos negociantes, nas contas da administração da Colônia.

5.º — Os adiantamentos mencionados no art. 2.º, serão pagos em cotas mensais aos colonos, no primeiro meio ano do seu estabelecimento provisório, recebendo cada um dos contemplados com êste benefício, a sua caderneta, onde deverá assinar cada pagamento recebido. Êstes pagamentos mensais efetuam-se apenas nos expedientes das terças e sextas-feiras, das 8 às 11 horas, enquanto para outras questões prevalece o horário vigente da Administração da Colônia, nas manhãs das segunda-feiras e sábados.

6.º — Compete às pessoas válidas de uma família, procurarem ganhar dinheiro, nas épocas em que não tenham serviço nos seus próprios lotes, ou na direção da Colônia, ou trabalhando para outros proprietários, sendo-lhes concedida a oportunidade pela primeira, através a admissão nas obras públicas, especialmente na construção de estradas. As pessoas inativas, sem razões justas, serão cassadas as subvenções concedidas.

7.º — Depois de ter sido contemplado com adiantamentos no montante da metade da subvenção fixada, deverá o novo colono possuir uma área desmatada, queimada e pronta para a plantação, na extensão de $\frac{3}{4}$ de hectare, como ter construído uma habitação provisória.

O pagamento restante será procedido, igualmente, só aos poucos, e só não cessará, caso o contemplado estabelecer-se definitivamente, em companhia de sua família, no seu lote adquirido.

Blumenau, 1876.



Augusto Müller, irmão do sábio Fritz Müller e que, com êste, imigrara em Blumenau em 1851, era jardineiro diplomado. Em 1871 resolveu aceitar o convite que lhe foi feito pela população de Salto Weissbach para reger a escola daquela localidade. Permaneceu no cargo de professor primário até 1894, quando se exonerou, em virtude de sua avançada idade. Augusto Müller, como presidente da Cultur Verein prestou assinalados serviços a Blumenau. Ao contrário de seu irmão Fritz, era homem de convicções religiosas firmes e não pactuava, de forma alguma, com as teorias materialistas do sábio. Foi um dos beneméritos pioneiros da colonização de Blumenau.

Um pouco da história da Rodovia "JORGE LACERDA"

A título de curiosidade, publicamos o seguinte documento, datado de 25 de abril de 1871 e dirigido pelo Dr. Blumenau ao Presidente da Província de Santa Catarina, na ocasião em que o diretor da Colônia fôra a Destêrro para conseguir verba para obras que deveriam ser feitas no caminho entre Blumenau e Itajaí (atual rodovia "Jorge Lacerda").

Esse caminho fôra mandado abrir pelo dr. Blumenau, em grande parte. Saindo de Blumenau pela margem direita do Itajaí Açu, atravessando êsse rio abaixo da barra do Luís Alves e voltava à margem direita na Barra do Itajaí Mirim. Como se vê do documento, êsse caminho foi aberto em 1864/65. Antes desse tempo, todo o comércio e transporte de passageiros era feito pelo rio, em canoas e barcaças, entre as duas cidades.

Eis o documento em sua íntegra:

BREVES INFORMAÇÕES sôbre a estrada que, seguindo da Colônia Blumenau para o litoral ou a Barra do rio Itajaí Mirim, foi, nos anos de 1864/1865 construída pela Diretoria da referida Colônia.

As distâncias não foram exatamente medidas e sim computadas sôbre o mapa do Major Riviére, que alguns anos antes havia levantado a planta do rio por ordem do govêrno, e isto por economia e pela razão de que a estrada, com exceção de uma pequena parte, acompanha o rio no seu próprio barranco ou em insignificante distância. Até se neste mapa existissem alguns erros e por essa razão se dessem algumas diferenças, não podiam ser de importância tal, para justificar uma nova e dispendiosa medição e a respectiva despesa teria sido tanto mais supérflua quanto a estrada, como já disse, acompanha quase constantemente o barranco do rio ficando excluído só insignificantes parcelas na parte superior do mesmo e aquela extensão ou porção que parte da embocadura do Itajaí Mirim, se desvia do Itajaí Açu para os morros dos Pinheiros, e seguindo pelo interior, mais arriba de novo sai do barranco. Essa parte foi exatamente medida pelo Engenheiro Emílio Odebrecht, que percebeu 30\$000!!! por dez dias de trabalho seu, em que levantou a planta e forneceu à Diretoria três mapas sôbre esta parte; dois trabalhadores perceberam ainda 25\$500, de maneira que a medição inteira custou 55\$500. O resto dos respectivos trabalhos de medição e avaliação das despesas nos próprios lugares foi executado por mim mesmo e o outro pessoal da Diretoria, nivelando o agrimensor da mesma o traço definitivamente adotado em diferentes e as mais difíceis partes e ficando ela logo executada conforme o mesmo nivelamento. Por esta razão a linha traçada no mapa do Engenheiro Odebrecht não representa o efeieivo traço da estrada, a qual em contrário em muitas partes se desviou daquela linha, depois de se ter reconhecido e finalmente fixado o melhor e finalmente adotado traço por novos e minuciosos exames do respectivo terreno e depois de eu com outros empregados da Diretoria tê-lo percorrido de novo por repetidas vêzes e com

diferentes direções. Com a própria construção da estrada, com suas pontes e outras obras se gastaram nos anos de 1864 e 65 Rs. 11.847\$800 e com consertos desde 1866 a 68, inclusive, Rs. 1.614\$740. Esses consertos, porém consistiram, em grande parte, na limpeza e no desassombramento e descortinamento do mato, no entretanto crescido na estrada e suas margens, trabalhos esses que aliás competiam aos donos das terras confrontantes mas que pelos mesmos não foram executados, apesar das repetidas solicitações da Diretoria à Câmara Municipal, tendo sido e sendo ainda hoje inqualificável o desleixo com que a Câmara e seus fiscais sempre tratavam e ainda hoje estão tratando da conservação desta importante via, deixando impunes os contraventores contra as posturas municipais. A estrada tal qual foi feita e enquanto o sol nela podia penetrar satisfaz a tôdas as necessidades de um bom e ligeiro trânsito, para tropas de gado, cavaleiros e andantes, sendo esta a sua verdadeira destinação e não tendo ela, senão uma diminuta extensão, de servir de **estrada para cargas** para cujo transporte ao contrário racionalmente deve servir o rio navegável, em cujo barranco segue a estrada em questão.

Nos dois últimos anos foram ainda sólidamente reconstruídas as três grandes pontes dos Ribeirões do Gaspar e Pequeno e do Poço Fundo, arruinadas pelas terríveis águas do monte do ano de 1869, devendo-se ainda cerrar com tabuado as estacadas, para que até agora, infelizmente, não chegavam os fundos disponíveis. Com as despesas de mui aproximadamente oito contos de réis que solicitei, entendo que poderei sofrivelmente executar as obras de conserto e reconstrução da estrada, devendo naturalmente empregá-los com todo zêlo, economia e até parcimônia; melhor porém seria empregar-se desde logo mais três a quatro contos de réis, sobretudo com o fim de se abrirem valetas laterais em maior extensão, alargarem-se mais as partes estreitas da estrada nos morros e se executarem mais alguns melhoramentos mui desejáveis e úteis bem que não sejam absolutamente indispensáveis. Se, porém a obra for executada por empreiteiro, que naturalmente quer realizar lucro, aquelas quantias serão de todo o ponto insuficientes, ou então o conserto o será, ou mal feito, e de pouca duração, Querer, enfim, tornar **rodável para carros** esta estrada, havia de a meu verr constituir um grande e mui dispendioso absurdo, bem que negócio lucrativo para algum empreiteiro favorecido; **o rio navegável é nossa estrada natural** para cargas, entretanto que a, de que aqui se trata, não tem, por ora, racionalmente pode ter outro fim senão facilitar o ligeiro e cômodo transporte e trânsito de tropas e cavaleiros. Únicamente nos morros dos Pinheiros podia ser conveniente alargar a estrada de maneira tal, que sirva para carros e isto numa extensão de pouco mais ou menos uma légua. Os fundos necessários para tornar rodável esta estrada seriam de considerável importância e ficariam com muito maior economia e vantagem empregados nas partes superiores da Colônia Blumenau e do curso do rio, que nestas partes já não se presta à navegação nem por canoas.

Destêrro, 25 de abril de 1871.

O Diretor da Colônia, **Dr. Herman Blumenau.**

BLUMENAU DE HOJE



Como se surgisse do centro da principal rua da cidade, a monumental t orre da matriz empresta ao panorama de Blumenau um aspecto imponente e novo.

“Que  este grandioso marco da nossa F e — um século de ora es e sofrimentos, de esperanças e de anseios, de anelos e de preces, transformado em granito — mostre-nos sempre o caminho que os nossos antepassados trilharam e, no compasso dos seus minutos, no bater das suas horas, no repicar dos seus sinos, cante pela eternidade a fora, a magnificência d’Aquele que, sendo a razão da nossa vida, permitirá que continuemos, como até aqui, a trabalhar pela grandeza d este Blumenau tão lindo, pela felicidade de Santa Catarina e pela glória da Pátria Brasileira!”

(Do discurso proferido, por ocasião da inaugura o da t rre da matriz, pelo sr. J. Ferreira da Silva.)

O vapor “Carl Hoepcke” da Firma Carlos Hoepcke S/A, de Florianópolis foi construido na Alemanha, sob encomenda da mesma firma, em 1927. A 17 de julho deixou o pôrto de Hamburgo, tendo chegado a Florianópolis nos meados do mês seguinte. A 1.  de setembro iniciou viagens regulares entre a capital catarinense e o Rio de Janeiro, com escalas por Itajaí, São Francisco, Paranaguá, Santos e Rio. Esse vapor, de 1.200 toneladas, para passageiros e carga, ainda está em serviço.

HOTEL REX

BLUMENAU

Santa Catarina



**100 apartamentos dotados
de todo o conforto**

COMPANHIA INDUSTRIAL SCHLÖSSER

FIAÇÃO, TECELAGEM, TINTURARIA E SECÇÃO NEGÓCIO

CAIXA POSTAL, 17

Endereço Telegráfico: SCHLOESSER

BRUSQUE

SANTA CATARINA



Fabricam:

Fios de algodão cardados
Brins, Tecidos para senhoras
Toalhas de rosto, de banho e de mesa
Panos para copa.